

# Como ler Marx hoje?

*Norman Madarasz*<sup>1</sup>

Resenha:

*Der junge Karl Marx*

*O Jovem Karl Marx*. Direção: Raoul Peck (2017). 118 minutos.

Produção: Alemanha, França, Bélgica.

O filme de Raoul Peck, *Der junge Karl Marx*, saiu nas salas na Europa em fevereiro de 2017 e passou por vários festivais internacionais. No Brasil, onde se vive atualmente um processo de intimidação e de censura engajado por provocadores sem pauta política outra que semear uma confusão na cultura pela ignorância e a agressão, o filme não tinha encontrado uma distribuidora até bem recentemente. No momento da escrita desta resenha, o lançamento do filme está previsto pelo período natalino. Desta forma, é possível que o comprador leve o filme ao público geral junto com o trenó do Papai Noel.

No intuito de oferecer à população estudantil da PUCRS o direito de assistir às grandes produções do cinema europeia em tempo real, os alunos do Curso de Graduação em Filosofia organizaram a projeção do filme no dia 2 de novembro, e me convidaram gentilmente a contextualizar o filme e fazer algumas observações sobre a obra de Karl Marx, em torno da questão “Como ler Marx hoje?”.

Ao considera a filme *O Jovem Karl Marx*, parece-me que, antes de fornecer respostas, a primeira questão deveria ser a seguinte: como VER Marx hoje, e, sobretudo como ver este filme?

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Filosofia - PUCRS

Trata-se, por incrível que parece do primeiro “*biopic*” sobre Karl Marx. Que isto fora o caso no ocidente, talvez seja compreensível, mesmo que demorado, sendo que a Guerra Fria terminou há quarenta anos. O que mais espanta é que nem na União Soviética um filme foi feito sobre Karl Marx. Por que será isto? A minha convicção é que fora do período revolucionário da União Soviética, a figura histórica de Marx veio a representar uma ameaça à ordem pós-Stalin. Na vigência do comunismo nos países da Europa oriental entre 1947 e 1988/9, não se estudava exatamente a obra de Marx: estudava, com certa resistência dependendo do país, a doutrina marxista-leninista em livros oficiais. Estes livros eram publicados em inglês também pela editora Progress em Moscou, e exportado para os países capitalistas ocidentais. Recordo-me de ter lido a edição destes livros num seminário de graduação em filosofia, ministrado pelo Prof. Dr. Mario Bunge na McGill University (Montréal, Canada), no qual o mestre procurava refutar a ciência marxista-leninista e a *Dialética da Natureza* de Friedrich Engels. A população não especialista da Alemanha oriental, da Checoslováquia, da Jugoslávia, da Hungria, da Polônia ou da Romênia, em muitos casos nem sabiam que além do *Manifesto comunista* e do *Capital*, Marx criou uma obra filosófica e histórica das mais prolíficas do século dezenove, nem sequer identificarem estes livros como sendo filosofia. Mais ainda, não sabiam que Marx era historiador além de ser filósofo, jornalista engajado além de ser economista.

Realizado por Raul Peck, o filme, *O Jovem Karl Marx (Der junge Karl Marx)*, foi lançado na Alemanha em março de 2017. Atual presidente da Fémis, a Escola nacional do cinema da França, Peck nasceu no Haiti, e passou sua juventude na República Democrática do Congo após a sua família fugir do terror do então ditador Jean-Claude “Baby Doc” Duvalier. Peck estudou engenharia na França e economia em Berlim. Anos depois, se formou em cinema também em Berlim. Em 1996-97, na volta para seu país natal, Peck foi indicado para o cargo de ministro da cultura, que durou pouco

tempo. Além de ser militante marxista e autor de mais de dez filmes, ele é diretor de dois filmes sobre o presidente comunista congolense, Patrice Lumumba, deposto e assassinado num golpe de estado organizado pela CIA em 1961. Deste crime de política internacional, surgiu a ditadura sangrenta de Mobutu Sese Seko, após de quem o país foi livrado a uma série de *condottieres*, como Laurent Kabila.

O primeiro filme feito por Peck sobre Lumumba em 1990 era um documentário. Dez anos depois, ele levou a vida deste importante militante anticolonial à forma narrativa. No ano passado, Peck dirigiu o documentário, *I am not your Negro*, feito a partir do último livro do escritor afro-americano, James Baldwin, exilado politicamente na França. O filme retoma o livro em que Baldwin rememora os seus três grandes amigos, todos assassinados, Medgar Evers, fundador do NAACP, Malcolm X e Martin Luther King.

Desta forma, Peck poderia ser denominado o Frantz Fanon do cinema pós-colonial. Isso nos informa sobre o fato que não era num um russo, nem um alemão, tampouco um americano, que fez a primeira biografia fílmica sobre Karl Marx, mas um haitiano internacionalizado. E a perspectiva é militante! Onde Kendrick Lamar completava *I am not your Negro*, Peck convoca Bob Dylan para lembrar o que Marx significa quando políticas regressivas tornam a vida cotidiana um inferno para os pobres.

*O Jovem Karl Marx* relata o período de juventude das quatro monumentais figuras históricas que são Karl Marx, sua esposa Jenny von Westphalen, Friedrich Engels e sua parceira Mary Burns, a operária irlandesa expulsa por desacato ao dono da fábrica em que trabalhava, dono que era o próprio pai de Engels. Os dois nunca se casaram por ter sido contra a instituição do casamento. Marx, nascido em Tréveris em 1818, iniciou sua formação em direito na Universidade de Bonn depois se mudando pela Universidade de Berlim. O legado ainda fervente de Hegel, falecido uma década antes, teria levado o jovem Marx a estudar a filosofia. Nascido na Alemanha, mas criado na Inglaterra, Engels era dois anos mais novo

que Marx. O filme começa em 1843 em Colônia (quando Marx tinha 25 anos) e dura até 1848, com a conversa entre Marx e Engels que levou à sessão de redação e editoração em oito mãos do *Manifesto comunista*.

A profissão escolhida por Marx depois sua formação era jornalista, além de organizador político. Ele atuou como redator chefe da Gazeta Renana (*Rheinische Zeitung*) até se demitir num ato de protesto contra a forte censura aplicada pelo governo do Frederico Guilherme IV da Prússia. Até o fechamento definitivo do jornal pelas autoridades Prussianas, Marx publicava artigos sobre a pobreza e a opressão violenta sofrida por camponeses por forças de ordem prussianas cuja qualidade consolidou sua reputação. Mesmo se Peck acrescenta um toque de ficção ao episódio da supressão da Gazeta Renana, ele segue a biografia publicada sobre Marx ao encenar o convite feito por outro “jovem hegeliano” de esquerda, Arnold Ruge, para assumir a direção da publicação *Deutsch-Französische Jahrbücher* (“Anais Franco-Alemães”) em Paris, para onde Marx se mudará Paris com Jenny e o primeiro filho deles.

Escrito por Peck e Pascal Bonitzer, o enredo do filme é linear, sendo feito num estilo de cinema clássico, quase épico e hollywoodiano, se não fosse pelos diálogos em três idiomas que atestam da grande cultura de Marx e seu entourage. Em Paris, Marx encontrará Pierre-Joseph Proudhon e Mikhail Bakunin, dois pensadores anarquistas com quem ele debateu a futura forma de organização política e da necessidade a eliminar a propriedade privada para alcançar uma sociedade justa. Mais importante ainda, o filme encena o primeiro encontro desafiador com Engels no apartamento de Ruge. Marx, que já tinha publicado *A Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, e Engels, *A Condição da classe operária inglesa*, se uniram em uma das maiores parcerias intelectuais na história da filosofia europeia.

Engels voltará para Manchester em 1844. Será Mary Burns que organizará o primeiro contato com a Liga dos Justos (a

organização de trabalhadores irlandês-ingleses). Meses depois, Marx e Engels transformarão esta organização na Liga dos comunistas.

Até Paris, a vida de Marx era a de um intelectual militante, apoiado por Ruge e com fundos da herança de Jenny von Westphalen. A vida deles irá mudar dramaticamente após a publicação de artigos em *Vorwärts!*, o jornal mais radical da Europa. Embora o governo francês já tivesse deliberado censurar a jornal, Peck sugere que a decisão de o fechar foi despertada por um artigo assinado por Marx que comemorava a tentativa falida de assassinar o Rei Frederico Guilherme IV da Prússia. Qualquer seja a causa, em janeiro de 1845, o jornal foi fechado, dois jornalistas foram presos. Em seguida Marx foi expulso de Paris com sua família. O passaporte dele e de Jenny foi confiscado, assim deixando eles de fato apátridas. Eles se mudarão para Bruxelas, onde Jenny dará luz a um terceiro filho e Engels começará a ajudar Marx financeiramente para lhe permitir o tempo de pesquisar e organizar a sua grande crítica da economia capitalista. Marx tentará um retorno a Colônia, mas outras dificuldades financeiras o levaram a aceitar o convite de Engels para levar a sua família a Londres.

Por meio de um elenco de excelência, o filme constrói os personagens em torno da atividade intelectual, fornecendo várias idealizações cômicas, irônicas e sérias sobre as condições de escrita das frases mais famosas de Marx e Engels. A décima primeira tese sobre Feuerbach é cuspidada durante uma bebedeira, as críticas de Proudhon feitas ao hegelianismo de Marx não deixam de serem provocações admirativas, e algumas contribuições sofisticadas são atribuídas à Jenny. Livros, escrivatinhas e bibliotecas compartilham o palco com as reuniões e debates políticos.

Além desta contextualização, há de fazer duas perguntas para organizar a resposta à pergunta como ler Marx hoje? Na verdade, são dois conjuntos de observações que buscam esclarecer a importância adquirida pela obra marxiana *hoje*.

## 1. O que Marx significa para o nosso período histórico, o período pós-1989?

Nosso período histórico se inicia em 1988-9 com o declínio e apagamento dos modelos marxianos de análise da história, da política e da economia na pesquisa acadêmica das universidades do ocidente, período que Eric Hobsbawm denominava o “curto século vinte”. Que houve tal declínio certamente não é reconhecível se fossem leitores de Alex Callinicos, David Harvey, István Mészáros, ou Michael Löwy, pesquisadores todos que continuavam trabalhando com modelos marxianos, tampouco se fosse Raoul Peck que leu *O Capital* durante seus estudos na Universidade Humboldt, em Berlim. Mas para os estudantes de universidades em que não lecionam ou lecionavam estes pensadores, e na quase totalidade das universidades nos EUA, no Canadá e na França, na segunda metade dos anos 1980 já era possível testemunhar a perda do prestígio sofrido pela obra de Marx e dos marxianos. Iniciou-se uma migração mal diagnosticada e mal calculada à temática do pós-modernismo. Em pouco tempo, esta corrente intelectual, apesar do seu fetichismo por formas de expressão artística de vanguarda, se alinhou sem resistência com a reação conservadora em curso.

É verdade que na perspectiva da classe média ocidental, os efeitos do neoconservadorismo e do “*right Turn*”, descrito por Chomsky em *Turning the Tide* (1985), não eram compreendidos, tampouco acreditados, no primeiro momento. A despolíticação promovida pelo pós-modernismo seguia décadas de crescimento econômico e a ampliação da política econômica keynesiana do bem-estar social, o que significa que o Estado andava em relativa parceria com a sociedade em termos de produção de liberdades. As críticas de Marcuse contra a irracionalidade do Estado do capitalismo tardio quando restringia os novos espaços de liberdade foram acatadas pelo novo pensamento do marketing e da sociedade de consumo vindo da Califórnia na esteira das contraculturas, da cultura surf e skate, e da Apple, Microsoft e a abertura à internet permitida pelo

World Wide Web. Quando a juventude ocidental acordava à nova política econômica da globalização em 1999, os espaços de liberdade tinham se transformado em “nichos” consumistas em prol às tendências monopolísticas da nova economia neoliberal. O Estado novamente se tornou hostil às reivindicações da sociedade por mais integração política e econômica, não obstante as explicações educadas do presidente Bill Clinton pela repressão violenta sofrida em Seattle.

Foi durante este tempo que a Guerra Fria acabou, e a imagem do comunismo, na medida em que só há um, reduzido ao totalitarismo e finalmente ao nazismo. A década de 1980 era a época de Mikhail Gorbachev. Assumindo o poder soviético em 1985, Gorbachev lançou sua reforma do comunismo soviético com seu programa combinado de *Glasnost* (transparência administrativa) e *Perestroika* (reestruturação econômica). A União Soviética enfrentava um desgaste econômico em virtude da sua intervenção militar no Afeganistão. O objetivo da URSS naquele país era manter no poder um governo aliado a Moscou, mas a intervenção se transformou em um sangramento de fundos, cortesia do Departamento do Estado dos USA. A famosa declaração de Zbigniew Brzezinski jurou a aplicar à União Soviética a lição aprendida pelas EUA com duras penas durante a guerra do Vietnam. Entretanto, será precipitado atribuir o colapso da primeira união de repúblicas socialistas na história da humanidade aos “*Hawks*” em Washington DC. O fato que o modo de governo introduzido por Gorbachev se diferenciou da velha guarda tem muito a ver com o pensamento da brilhante filósofa russa, Raisa Maksimovna Titarenko, a sua esposa. As contingências históricas não se explicam pela aplicação de modelos mecanicistas que buscam isolar apenas uma causa. De toda aparência, Gorbachev nunca desejou o fim do comunismo soviético, mas trabalhou a realizar a sua prosperidade econômica.

Os principais aliados dos EUA no Afeganistão na época era um grupo de jovens mujahideen parcialmente subvencionado por uma influente família de empreiteiros da Arábia Saudita

denominada bin Laden, e chefiado pelo filho, Osama. Entre a derrota e retirada do Exército Vermelho em fevereiro de 1989 e os ataques terroristas cometidos por um grupo de sauditas nos EUA no dia 11 de setembro de 2001, existe outra história, a da queda da URSS, uma em que os EUA voltaram a tramar uma era de dominação planetária, a “Nova Ordem Mundial”, como declarava George H. Bush, após a primeira derrota de Saddam Hussein em 1991. Poucos meses antes, houve o colapso final da URSS com a retirada da Rússia desta União.

O colapso do sistema financeiro internacional (o da tão glorificada “globalização” do mercado dos capitais) não decorre das intervenções estadunidenses no meio-oriente para assegurar acesso às reservas de petróleo, mas de anos de desregulamentação dos mercados de capitais conforme a teoria econômica do “fundamentalismo do mercado”, pautado nos anos de 1970 por Milton Friedman e os herdeiros da “ciência econômica austríaca” na Universidade de Chicago, e mais recentemente pelo libertariano James M. Buchanan (falecido em 2013) e a Virginia School of Economic Thought.

Bem entendido, o sistema financeiro internacional não desmoronou em 2008, principalmente por influência da atuação do banco Goldman Sachs e sua busca de supremacia nos mercados como no poder de influenciar governos. Representado por Henry Paulson e Timothy Geitner, ambos ex-ministros de tesouro nos governos George W. Bush e Barack Obama, respectivamente, Goldman Sachs orquestrou os termos de resgate dos bancos de investimento pelo dinheiro público.

Após a salvação trilionária da rede dos aliados de Goldman Sachs, o então presidente francês Nicola Sarkozy anuncio que "Laissez-faire acabou." Quando o governo americano deixou o banco de investimento Lehman Brothers quebrar, mas salvou Goldman, e depois que o Federal Reserve, sob tutela de Alan Greenspan, um sócio de Goldman, forçou o Bear Stearns a aceitar de ser vendido ao banco J.P. Morgan, Martin Wolf, o principal



analista financeiro do *The Financial Times*, declarou: “era o dia quando o sonho do capitalismo global de livre mercado morreu.”

Ora, que um mercado de produção capitalista funcionando apenas em relação as suas leis intrínsecas quebraria se for deixado sem regulação proveniente do Estado, é algo que Marx já demonstrou no primeiro livro do *Capital*. Que Marx também analisou a atuação nociva de setores crediários (capital a juros, financeiro, comercial e fundiário) sobre o poder aquisitivo crescente de trabalhadores em mercados em que se forma uma economia de consumo, se encontra no segundo e terceiro livro do *Capital*. O modelo chega à “formula trinitária” quando foi acrescentada a participação da oligarquia latifundiária para manter os salários dos camponeses em níveis de quase escravidão. Todas estas perspectivas mostram o quão era atuante o modo de produção, de distribuição e de circulação no processo global do capitalismo já na época em que Marx pesquisava. Trabalho infantil, exploração de mulheres, desapropriação de terras tribais, encarceramento de pobres, massacre de resistentes... Marx já tinha na década de 1860 acesso à quantidade de dados empíricos para derivar o conceito de *Mehrwert*, ou de mais-valia (mais-valor), para mostrar como o capitalismo do “mercado livre” sugava pessoas e vidas.

Cem-e-sessenta anos depois, o retorno dos modelos marxianos foi consagrado pela própria BBC em 2012 num documentário em três episódios denominado *Masters of Money* (Doutores da economia), que relata a obra e a vida dos três principais economistas de nossa era. O primeiro episódio documentou a história de John Maynard Keynes, o segundo a de Friedrich Hayek, e o terceiro a de Karl Marx. Cada episódio fornecia elementos biográficos destes economistas, assim, como perspectivas de intelectuais, pesquisadores, e de jornalistas e analistas financeiros vinculados aos bancos de investimento. No episódio sobre Marx, o consenso sobre as suas previsões é gritante, até entre os analistas financeiros no City de Londres.

## 2. O que significa “pesquisa” sobre a obra de Marx?

Comemoramos aqui na PUCRS, nos eventos *Conjunturas*, organizados pelos Grupos de pesquisa “Filosofia e Multidisciplinaridade” e “Lógicas da Transformação”, os aniversários da publicação do *Capital* (150 anos) e da Revolução Soviética (100 anos). Era possível escutar novamente vozes de militância acadêmica, impulsionadas pelo golpe de 2016 e o desmonte atual do estado do bem-estar social no Brasil. Por outro lado, houve menos discussão sobre como o período pós-2008 tem despertado uma onda nova de pesquisa sobre a obra de Marx.

David Harvey representa uma estratégia diferenciada na leitura da obra de Marx por ser geógrafo. O seu *Para entender o Capital* (2010, publicado em 2013 no Brasil), inicialmente dado com seminário disponibilizado na internet, talvez melhor contextualiza a abordagem economista de Marx. O *Introduction to the Three Volumes of Karl Marx's Capital* de Michael Heinrich (2012) visa numa abordagem sintética a capturar e divulgar a efervescência conceitual criada por Marx no seu monumental projeto. Ambos pesquisadores enfatizam a importância de tratar os três livros do *Capital* em conjunto, sendo que os livros dois e três foram editados por Engels após a morte de Marx.

Outros intelectuais marxistas se reuniram em colóquios sobre comunismo, organizados em Londres, Berlim e São Paulo: A. Badiou, J. Rancière, T. Negri, e outros. Aqui na PUCRS, Agemir Bavaresco conduza agora há dois anos um seminário de pós-graduação sobre o *Capital*, como eu também tenho feito em 2016, embora de maneira mais sucinta, e nas minhas disciplinas de graduação na filosofia política e social, ética geral e pelo pós-marxismo na disciplina sobre história da filosofia contemporânea. Em outras palavras, existe hoje internacionalmente nas maiores universidades do ocidente pesquisa sobre a obra de Karl Marx, novas traduções da obra, e novas edições previstas do inéditos (no projeto MEGA). A pesquisa acadêmica anda analisando a situação de Marx

na teoria da história, na filosofia e na ciência econômica. Isto acontece fora da proteção fornecida outrora pelos partidos comunistas, e afastado da pressão daqueles que eram ligados ao bloco soviético.

No passado, o papel dos partidos era fundamental para manter ativa esta pesquisa. É por proteção do Partido comunista bolchevique da União Soviética, que temos os *Manuscritos econômico-políticos de Paris de 1844*, as *Teses de Feuerbach*, além da *Ideologia alemã*, e outros textos da juventude de Marx e Engels, obras estas vistas como parte do seu período humanista, talvez burguês. São as obras produzidas no período encenado no *Jovem Marx*. Após ser publicados no mundo ocidental, são textos que contribuirão a justificar o estado de bem-estar social e fundamentá-la eticamente, pelo menos até o desmonte do modelo social democrático em vários países pela onda do (neo)conservadorismo neoliberal militarista de Ronald Reagan, Margaret Thatcher, Brian Mulroney, e os seus financiadores de Davos.

Isso significa que a distinção entre materialismo histórico e a ciência econômica, entre o jovem Marx e o Marx maduro, entre humanismo e ciência, ainda vale hoje mesmo que os modelos de filosofia da ciência vigentes estejam mais inclinados a focar na transição gradual entre estes períodos, transição esta que nos anos 1950-60 Louis Althusser tratava de corte epistemologia. Althusser distinguia o que teria sido o período ideológico do pensamento de Marx (exposto neste filme) do seu período científico – sendo que Althusser defendia que apenas a ciência pode encaminhar a luta de classes no pensamento à práxis política.

Concluídas estas duas observações, cheguei à minha resposta à pergunta feita por nossos colegas discentes do curso de graduação em filosofia: **Como ler Marx hoje?**

Minha resposta está na forma de cinco proposições:

1. Ao entender que a obra de Marx se tornou atual novamente;
2. Ao considerar que no Brasil, na Editora Boitempo, existe um extenso projeto de publicar uma nova edição da sua obra, que já produziu novas traduções de vários textos de Marx, inclusive do *Capital*, Livro 1, e se familiarizar com ela;
3. Que além de ser o livro de predileção para a militância de esquerda “marxista”, ao pensar que Marx representa também uma obra de pesquisa científica sobre economia, política e história. Portanto, a obra merece todo o fomento disponibilizado pelas agências que apoiam a condução da pesquisa científica de nível internacional neste País. Certamente neste ponto o Brasil não pode regredir a um fechamento cultural.
4. Pela compreensão que obras como os *Manuscritos de 1844*, as “Teses sobre Feuerbach” de 1847 e o *Manifesto comunista* de 1848, são obras da juventude de Marx e Engels. Apesar do gênio precoce de Marx, existem também naturalmente lacunas nestas obras, até mesmo erros. Por isso, é importante chegar ao *Capital*, livro 1. Eu defendo que qualquer crítica acadêmica – e, portanto, ética – do pensamento de Marx deve fazer referência a este livro monumental. Portanto, tem que ler o livro, e por isso o livro deve ser reconhecido pelos cursos de filosofia, de história e de economia na sua estrutura curricular.
5. Pela sensibilidade de que nós estamos vivendo a época pós-1989 e mais ainda a do pós-2007-2008. Isso nos expõe ao fato que o livro *O Capital* não tem estritamente nada a ver com o fim da União Soviética. Trata-se de um argumento e demonstração do inegável colapso do sistema capitalista, não de um sistema comunista. Portanto, o que Marx defendeu sobre o capitalismo ainda permanece atual. O que não exclui que o *Capital* possa também fornecer elementos teóricos para examinar a estrutura econômica do stalinismo, da sua relação com o capitalismo e as causas do colapso do bloco econômico comunista.

Em conclusão, quero me remeter o meu ex-orientador e mestre, Alain Badiou, para enfatizar a “hipótese comunista”. Ou seja, a prova que o comunismo possa realizar no plano político o que a racionalidade filosofia está capaz de criar na ciência, nas artes e no amor não se encontra no passado, mas num *terceiro período* da história do comunismo. Este período já rompeu com as instâncias de burocratização e militarização do sistema partidário do pós-estalinismo, embora a ruptura não parece ter chegado à mente dos

persistentes detratores do comunismo que não se casam a identificá-lo necessariamente com outras formas de totalitarismo.

Assim, os filósofos teriam uma vocação política, pregariam formas futuros de organização e de governo? Desde que Platão preveniu, por seu modelo constitucional exposto na *República*, os perigos de um governo composta de advogados, juristas e oligarcas que espalha ódio ideológico para dividir a população, a filosofia sempre se ata à criação de novos modelos políticos. O comunismo é apenas um deles, embora o mais fiel conforme um ideal de justiça segundo a qual a liberdade só se alcança quando inclui todos em um igualitarismo lateral. Para Badiou, a hipótese comunista defende quatro princípios éticos fundamentais, qualquer seja a forma concreta em que um Estado se reivindica deles: abolição da propriedade privada dos meios de produção; fim da divisão do trabalho entre trabalho intelectual e trabalho manual, direção e execução, e trabalho masculino e feminino; eliminação da identificação nacionalista; diluição da intervenção do Estado em deliberações coletivas. Em outras palavras, o Estado não pode continuar representando apenas os interesses dos mais poderosos, inclusive e especialmente, no que diz respeito aos planos de recuperação fiscal. É em função desta hipótese que devemos todos manter vivo o trabalho preparado por Marx sobre a ideia – antiga – do comunismo, em sua forma genérica e pautada por uma ontologia da multiplicidade irreduzível, aberta e criativa.

*Desejo a todos uma ótima visualização natalina de O Jovem Marx!*